

## O CANTINHO DE TODOS: O DESENHO URBANO SOCIOECOLÓGICO DO DOROTHY STANG À MÃO DE SEUS OCUPANTES

**Área temática: Tecnologia e Produção**

Coordenador da Ação: Liza Maria Souza de Andrade<sup>1</sup>

Autor: Natália da Silva Lemos<sup>2</sup>, Vânia Raquel Teles Loureiro<sup>3</sup>, Ártemis Sandra Borges Nunes Costa<sup>4</sup>, Clara Alvares Camargo<sup>5</sup>, Julia Erêndira Wolff Ouriques<sup>5</sup>, Samuel da Cruz Prates<sup>5</sup>, Amanda de Souza Dias<sup>5</sup>, Cleiton do Carmo Silva<sup>5</sup>, Cristhian Kelvin Amaro de Melo<sup>5</sup>, Fernanda Campos Fernandes Soares<sup>5</sup>, Karolyne Cristina Godoy Cordeiro<sup>5</sup>, Larissa Ferreira do Nascimento<sup>5</sup>, Layane Soares Nunes<sup>5</sup>, Lara Teresa Môro Bossaerts<sup>5</sup>, Matheus de Souza Oliveira<sup>5</sup>, Sandra Carolina de Andrade<sup>5</sup>, Rafael Itsuo Ikeoka Pires<sup>5</sup>, Sacha Quintino Pereira<sup>5</sup>.

### RESUMO

O urbanismo participativo promove projetos urbanos por processos que inclui a população nas tomadas de decisão sobre a legitimação e posse, bem como sobre os impactos sociais e ambientais. O espaço de ação do trabalho é a ocupação urbana Dorothy Stang, iniciada em 2015, na Região Administrativa de Sobradinho no Setor Habitacional Nova Colina em Área de Relevante Interesse Social – ARIS do PDOT. Ela agrupa com aproximadamente 544 famílias, compostas por moradores das regiões periféricas do Distrito Federal, próximas ao campo, que não conseguem pagar aluguel. Aos processos do urbanismo participativo, o objetivo deste trabalho é demonstrar parte do processo em desenvolvimento na Ocupação Urbana Dorothy Stang, a partir dos vínculos construídos por meio de assessoria técnica do Grupo de Pesquisa Periférico, trabalhos emergentes em parceria com o Escritório Modelo CASAS da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (Edital N° 01/2017 – DEX/DPI). Os resultados mostrados consolidam a primeira fase do projeto de Extensão, que se refere a aplicação do questionário baseado nas dimensões da sustentabilidade (social, cultural e emocional, ambiental e econômica) e os mapas afetivos e colaborativos sobre a situação existente para que se entenda o espaço apreendido pela comunidade e suas problemáticas ambientais. Considerando a política de regularização fundiária da Lei n.º 11.977/2009 e a recente Lei n. 13465/2017, até o momento foram realizadas 3 reuniões com os governos federal e distrital para o entendimento do processo e anseios da comunidade.

**Palavras-chave: Regularização fundiária, Produção do espaço, Urbanismo participativo.**

<sup>1</sup> Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília lizamsa@gmail.com

<sup>2</sup> Professora na Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília

<sup>3</sup> Professora na em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília

<sup>4</sup> Mestranda na Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília

<sup>5</sup> Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília

## 1 INTRODUÇÃO

O processo participativo no planejamento urbano e regional permite reforçar que os cidadãos se reconheçam em seu bairro e em sua cidade. A realidade da localidade, conforme entendida pelos membros da própria comunidade, pode ser bastante distinta daquela idealizada nos ambientes acadêmico e profissional da Arquitetura e Urbanismo. O modelo tático baseado em De Certeau aponta as práticas do homem comum que apreendem a temporalidade e os micro acontecimentos como passíveis de conversão a sua maneira. O urbanismo participativo busca promover processos de projetos urbanos incluindo a população nas tomadas de decisão sobre a legitimação e posse, bem como sobre os impactos sociais e ambientais.

O objetivo deste trabalho é demonstrar o processo de projeto de urbanismo participativo que está sendo desenvolvido com essa ocupação urbana para o desenvolvimento do desenho urbano socioecológico, os vínculos foram estabelecidos com a comunidade e as lideranças pela Assessoria técnica prestada pelo Grupo de Pesquisa *Periférico, trabalhos emergentes* em parceria com o Escritório Modelo CASAS da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (Edital Nº 01/2017 – DEX/DPI).

O objeto de ação é, enquanto espaço urbano, a Ocupação Dorothy Stang se encontra em situação, do terreno doado pela Secretaria de Patrimônio da União (SPU) ao governo do Distrito Federal, que tem por competência da Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal CODHAB/DF da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH) a conseguinte regularização. A doação foi para fins de interesse social e terá a frente as fases: levantamento topográfico, licenciamento ambiental, cadastramento socioeconômico, elaboração de projeto urbanístico parametrizado por lei genérica, Plano Diretor de Ordenamento Territorial - PDOT e complementos, construção de unidades habitacionais e comerciais, doação e/ou venda, conforme critérios específicos aos ocupantes regulamentados.

A ocupação se iniciou em 2015, em área da Região Administrativa de Sobradinho no Setor Habitacional Nova Colina em Área de Relevante Interesse Social – ARIS do PDOT. A consolidação inicial se fez pelo movimento social da Frente Nacional de Luta – FNL, contém aproximadamente 544 famílias, compostas por

moradores de regiões periféricas do Distrito Federal, próximas ao campo, que não tinham renda para pagar aluguel. Na busca de fortalecimento da união dos ocupantes e divisão de tarefas comuns, criou-se a Associação de Moradores, Lutadores e Apoiadores do Residencial Dorothy Stang - AMLARDS. No sentido da coobrigação, Dardot e Laval (2017), afirma que o comum exige a coatividade, sendo o fundamento da obrigação política a participação numa mesma atividade. Neste trabalho é apresentado os resultados da primeira fase do projeto, que se trata do questionário de envolvimento baseado nas dimensões da sustentabilidade social, econômico, ambiental, cultural e emocional e os mapas afetivos e colaborativos sobre a situação existente para entendimento da apropriação do espaço pela comunidade e os impactos ambientais.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O processo participativo no planejamento urbano e regional permite reforçar que os cidadãos se reconheçam em seu bairro e em sua cidade. A realidade da localidade, conforme entendida pelos membros da própria comunidade, pode ser bastante distinta daquela idealizada nos ambientes acadêmico e profissional da Arquitetura e Urbanismo. O modelo tático baseado em De Certeau aponta as práticas do homem comum que apreendem a temporalidade e os micro acontecimentos como passíveis de conversão a sua maneira.

O processo de projeto do Grupo de Pesquisa Periférico é construído partindo-se das demandas e vocações levantadas e análise do problema (identidade local, saberes existentes, padrões espaciais e de acontecimentos de acordo com as dimensões da sustentabilidade, social, cultural e emocional, econômica e ambiental), que se sintetizam na forma de padrões como forma de *códigos geradores* de soluções para o processo de desenvolvimento dos projetos, conforme Alexander et al (1977) e Andrade (2014). Para o estudo do contexto, as análises foram fundamentadas segundo as dimensões de sustentabilidade: ambiental, social, econômico e cultural e emocional, que se desdobram em princípios, critérios, indicadores de desempenho e verificadores, pela metodologia desenvolvida por Andrade e Lemos (2015).

Foi elaborado um questionário baseado nos quatro princípios de sustentabilidade apresentados, para a adequação do processo de projeção às demandas locais e às expectativas implícitas as boas áreas urbanas (expectativas

sociais vinculadas a cada uma das dimensões citadas), tratando assim de aproximar a relação entre conhecimento técnico e participação comunitária. Além do questionário, foi realizada uma oficina com mapas afetivos baseados igualmente nas dimensões de análise e nos princípios de sustentabilidade. O mapa afetivo, é um processo de captação de informações espaciais que observa o modo de sentir o lugar estudado, anunciando os desafios e os relatos dominantes do território, a partir dos saberes e experiências dos participantes (RISLER e ARES, 2013). A comunicação se dá a partir de ícones temáticos, correlatos aos princípios de sustentabilidade, que alimentam o mapa e viabilizam a comunicação (em termos verbais e visuais).

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Foram entrevistados 106 moradores, entre coleta presencial e online de respostas. Presencialmente, a comunidade respondeu o questionário no formato de entrevista semiestruturada suscitando sempre conversas produtivas sobre o local, com ênfase na vontade de melhorar e transformar a área. A utilização dos recursos visuais nos mapas afetivos revelou-se fundamental para que a comunidade entendesse efetivamente cada dimensão, reconhecendo os pontos positivos e negativos. A tabela 01 apresenta o questionário realizado com as informações geradas pelos moradores relacionada aos os ícones resultante da prática dos mapas afetivos.

Tabela 01 - Questionário aplicado

QUESTIONÁRIO APLICADO	DIMENSÃO AMBIENTAL	
Qual seu nome? Até o momento 106 pessoas responderam.	Você faz a separação, reutilização e/ou reciclagem de lixo? 56,8% não fazem.	
Qual é a sua idade? A maioria tem entre 35 a 39 anos.	Você possui hortas ou jardins dentro do seu lote? 58,5% possuem.	
Qual é o seu gênero? Mulheres: 59%, homens 36% e 7% não informaram.	Como é feito o tratamento de esgoto na sua residência? 79% das casas com fossas.	
Qual é a sua naturalidade? Existe diversidade considerável de nordestinos (Bahia) e 22% do DF.	Como você avalia o conforto térmico (ventilação, temperatura) da sua casa? 48,9% avaliam como quente e sem ventilação a casa.	
<b>DIMENSÃO SOCIAL</b>		
Em que rua você mora? 16% na rua Invictus. Participaram moradores das 12 ruas da associação.	Você identifica pontos de erosão dentro do assentamento? Se sim, onde? 37% ocorrem pelas ruas do assentamento, 41% se omitiram em responder.	
Você tem contato com a sua vizinhança? 94,8% diz ter contato com os vizinhos.	Dentro do assentamento existem pontos de acúmulo de lixo? Onde? 61% afirmam que há lixo em vários lugares, concentrado próximo ao campo de futebol.	
Há quanto tempo você está em Brasília? 21% estão em Brasília a menos de 5 anos.	Qual o tipo de lixo acumulado? 81,3% são lixos domésticos.	
Há quanto tempo você está no Dorothy? 58% estão no Dorothy entre 2 e 3 anos.	A preservação das áreas de cerrado onde tem água é importante para você? 98,9% consideram importante a preservação das áreas de cerrado.	
Você tem familiares fora do Dorothy? 82,3% tem família fora (20% em Sobradinho).	Você participaria ou gostaria que seus filhos participassem de oficinas de orientação sobre o meio ambiente/ preservação/ reciclagem? 98,9% gostariam dessas oficinas.	
Quantas pessoas moram com você? 23% são famílias compostas por 3 pessoas.	Você conhece formas alternativas de tratamento de esgoto, lixo e/ou drenagem da água? Essas formas poderiam ser aplicadas no Dorothy? 45% da comunidade não conhece, mas acredita ser importante para melhorias do local.	
Como é sua casa atual? (ambientes) 43% das pessoas não informaram a divisão interna dos barracos de madeira.	<b>DIMENSÃO CULTURAL E EMOCIONAL</b>	
O que você mudaria na sua casa? 30% trocaria o barraco de madeira por alvenaria.	Como você gostaria que as pessoas identificassem o Residencial Dorothy? 64,5% gostariam de identificação por áreas mais verdes e por praça.	
Você se sente seguro na rua? 52% se sentem seguros nas ruas do Dorothy.	Você gostaria que tivesse área de lazer/ convivência no Residencial Dorothy? 97,8% gostariam.	
Você acredita que a inclusão social abriga diversidade de gêneros (mulher, homem, bi-gênero, transgênero, transexual, sem gênero)? 76% acreditam na inclusão social, e na possibilidade de abrigar a diversidade de gênero.	Quais tipos de espaços de lazer você gostaria que existissem no Dorothy? 46,20% gostariam que houvesse mais áreas para crianças e idosos e quadras de esportes.	
Em qual tipo de habitação você gostaria de morar? 49,5% gostariam de morar em casas térreas e 22,7% em habitações mistas (casa e comércio).	Você exerce algum tipo de enriquecimento de diversidade cultural individual ou coletivo? 72% não possuem atividades culturais no seu cotidiano.	
<b>DIMENSÃO ECONOMICA</b>		
Você está inscrito em algum programa social do governo? 55,7% estão inscritas.	Qual? 76% não responderam, 9% praticam esporte e 13% têm atividades religiosas.	
Se sim, qual programa? 27% das famílias estão inscritas no Bolsa Família.	Além da moradia o que você gostaria que tivesse no Dorothy? 20% gostariam de escolas, 16% de segurança, 56% restantes de creche, infraestrutura, comércio etc.	
Onde se localiza a escola das crianças? 40% das crianças estudam em Nova Colina.	Quais características visuais de sua rua você acha importante e gostaria que fossem preservadas? 15% preservariam as árvores, 7% a caixa da via, 5% a mina.	
Qual é o seu nível de escolaridade? 38,7% com Ensino fundamental incompleto.	Como você gostaria que fosse a conservação da mina d'água? 27% gostariam de preservar, mas não sabem como.	
Você acha que as ruas do Dorothy poderiam ser compartilhadas com pedestres, ciclistas e carros? 87,5% acreditam no compartilhamento das vias.	Quais características ou espaços você identificam como símbolo do Residencial Dorothy? 24% identificam a plenária, a mina e o campo como pontos principais.	
Você gostaria de ter e trabalhar em uma horta comunitária no Dorothy? 84,4% gostariam da horta comunitária.	Como vocês gostariam que fossem os limites entre os setores do Residencial Dorothy? 60,4% gostariam que fossem muros verdes.	
Você exerce alguma atividade remunerada? 73,4% exercem atividade remunerada.	Como você gostaria que fossem os limites do Residencial Dorothy? 52,7% gostariam que fosse todo murado.	
Se sim qual atividade realiza? Existe variedade de atividades, a maioria é autônoma.		
Qual a média mensal de renda da sua família? 84,6% média de um salário mínimo.		
Trabalha próximo ao Dorothy? 74,7% trabalham longe do Dorothy.		
Onde seriam esses lugares? 12% Sobradinho, 88% em outras RAs e entorno do DF.		
Qual é o meio de transporte mais utilizado? 72% utilizam o transporte público.		

Fonte: adaptado de Andrade et al (2018).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAS

Com o resultado das respostas podemos observar a necessidade de se trabalhar com a comunidade a partir dos problemas expostos por eles. As demandas relatadas trazem uma síntese das possíveis intervenções para local, que serão apropriadas no desenho urbano socioecológico, mas a principal reivindicação tem como base o direito à cidade e à moradia. Mesmo sendo uma região informal que caminha para a regularização, muitos entraves dificultam a concretização de uma moradia digna, que fica vulnerável a grilagem de terras, mesmo assim a comunidade está disposta a melhorar o seu espaço, preservar a natureza e buscar soluções alternativas mais sustentáveis para que o Residencial Dorothy tenha a identidade participativa de seus moradores. Neste sentido, a universidade pública e gratuita por meio de assessoria técnica no âmbito da Extensão tem muito a contribuir, se tornando a mediadora do processo de regularização fundiária, mais justa e ecológica.

#### REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA Sara; Murray, SILVERSTEIN; JACOBSON,

Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Shlomo. Un lenguaje de patrones.

Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1980.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. Conexão dos Padrões Espaciais dos Ecossistemas Urbanos: a construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e o no nível da paisagem. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UnB, Brasília, 2014.

ANDRADE, L. M. S; LEMOS, N. S. Qualidade de projeto urbanístico: sustentabilidade e qualidade da forma urbana. In: BLUMENSCHHEIN, R. N. et al. Avaliação da qualidade da habitação de interesse social: projetos arquitetônicos e urbanístico e qualidade urbanística. 1ed. Brasília, DF: UnB, FAU, 2015. Cap. 1, p.19101

ANDRADE, L. M. S. et al. Urbanismo participativo na produção do espaço em Brasília como forma de resistência: o caso do processo de regularização fundiária da Ocupação Dorothy Stang. In: 2º Seminário Internacional “Urbanismo Biopolítico: Urbanismo Neoliberal e Resistências Biopotentes”, 2018, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, jul. 2018. Ebook.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. COMUM. Ensaio sobre revolução do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

NEDER, Ricardo Toledo. Interacionismo sociotécnico e cultura de resistência em políticas de incubação de cooperativas populares: sete dimensões estratégicas em ITCP como agência, como indicadores de avaliação. In: Encontro Nordestino de Incubadoras de Economia Solidária “Democracia e economia solidária: impasses e oportunidades”, 2016, Juazeiro do Norte. Anais... Juazeiro do Norte, 2016.